

Escrevendo a mulher ideal: civilidade, sensibilidades e comportamentos (manuais de civilidade - Segunda metade do século XIX)

Writing the Ideal Woman: Civility, Sensibilities, and Behaviors (Civility Manuals – Second Half of the 19th Century)

Iranilson Buriti de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande.
Avenida Aprígio Veloso, 882 – Bairro Bodocongó
Campina Grande – PB – Brasil
iburiti@yahoo.com.br

Maria Izilda Santos de Matos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo – SP
mismatos@pucsp.br

Resumo: Tendo como foco de análise manuais de civilidade (A Alegria da Casa de Sarah Kalley e Livro das Noivas, de Julia Lopes de Almeida) essa investigação privilegia as temáticas dos corpos, sensibilidades e práticas femininas. Norteados por saberes médicos, pedagógicos e morais, os manuais abordavam o papel da mulher no casamento, maternidade, higiene e afazeres domésticos, promovendo a educação feminina visando o bem-estar da família através da difusão de normas de higiene e moral visando o equilíbrio e autocontrole dos corpos.

Palavras-chave: manuais de civilidade, sensibilidades, emoções, mulheres, educação feminina, corpo.

Abstract: Focusing on manuals of civility—specifically Sarah Kalley’s “A Alegria da Casa” and Julia Lopes de Almeida’s “Livro das Noivas”—this study prioritizes themes related to female bodies, sensibilities, and practices. Guided by medical, pedagogical, and moral knowledge, these manuals addressed women’s roles regarding marriage, motherhood, hygiene, and domestic chores; they promoted female education aimed at family well-being by disseminating hygiene and moral standards designed to foster bodily balance and self-control.

Keywords: manuals of civility, sensibilities, emotions, women, female education, body.

Introdução

Estes escritos buscam contribuir para o estudo dos processos de disciplinarização, construção de corpos, sensibilidades e práticas das mulheres. A análise prioriza os manuais de civilidade, gênero de escritura que é visto como um dispositivo que contempla uma gramática inspirada em vários campos do conhecimento, dentre os quais os saberes médicos (higiénico, sanitaria, eugénista), pedagógicos, arquitetónicos e familiares.

Apesar da pesquisa englobar vários manuais, neste artigo se focaliza especialmente dois escritos do século XIX: “*A Alegria da Casa*”, escrito por Sarah Pouthon Kalley (1866, publicado no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Portugal (1916)), e “*Livro das Noivas*”, de Júlia Lopes de Almeida (1896, publicado primeiro em Lisboa/Portugal e, no mesmo ano, no Rio de Janeiro). As duas obras convergem na observação e doutrinação sobre o feminino tendo como vetores as prédicas sobre casamento, maternidade, cuidados de si e dos outros, cotidiano dos afazeres domésticos, higiene, incluindo princípios e preceitos morais.

“*A Alegria da Casa*” e “*Livro das Noivas*” foram esculpidos por mãos femininas, imprimindo traços de um tempo, a segunda metade do século XIX. As autoras, ao escrever sobre e para as mulheres (noiva, esposa, mãe), também representaram os homens (marido, provedor, pai), mas priorizaram as questões do gênero feminino e do universo do privado, prognosticaram sobre o cotidiano porta adentro, os cuidados e a higiene da casa e a educação das crianças, baseando-se numa pedagogia fincada nos ideais de modernidade (SILVA, 2002, p. 113).¹

Disciplinando: modos de ser, de viver, cuidar de si e dos outros

Na segunda metade do século XIX, intensificou-se o processo de mundialização e expansão capitalista, com a ampliação das conexões internacionais por meio da difusão dos transportes a vapor (trens e navios), ativação dos deslocamentos de mercadorias, capitais, pessoas e ideários, gerando e impulsionando o “vetor civilizador” (ELIAS, 1994). Nesse processo coexistiam um amplo conjunto de influências, trocas culturais, experiências, hábitos, sensibilidades, modelos de comportamento e novos perfis de masculino e feminino.

Nesse momento, o Brasil passava por um contexto de mudanças institucionais (final da Monarquia, proclamação da República e abolição da escravidão), sociais (intensificação dos processos de deslocamentos internos de ex-escravizados pós-abolição e implementação da imigração internacional), econômicas (circularidade de capitais e negócios, expansão cafeeira, inícios de industrialização e intensificação do comércio) e institucionais nas áreas culturais e educativas (difusão de escolas de primeiras letras e secundárias, a exemplo do Colégio Pedro

1. Os manuais escolhidos abordam vários assuntos. Neste artigo foram priorizadas as questões referentes a higiene, a educação e as sensibilidades femininas. Kalley, com um viés religioso, via a higiene como um dever cristão, relacionando limpeza física à pureza da alma, já Júlia Lopes incorporava preceitos de higiene associando-os ao progresso e à ordenação doméstica. Ambas enfatizavam a importância da educação como traço à formação feminina, vinculando-a ao cuidado com a família e o cumprimento dos papéis de gênero. Esses manuais reforçavam ideais, moldando hábitos e valores dentro de um contexto de uma sociedade patriarcal que, no caso brasileiro, se encontrava marcada pela escravidão. Em contextos históricos variados (Europa e América Latina), manuais, como esses, foram produzidos, circularam e vêm sendo estudados por vários autores, dentre outros, destacam-se BOLUFER, 2014; CECCHIN y CUNHA, 2007; SOARES JÚNIOR, 2019.

II, novas faculdades e cursos – medicina, direito, engenharia, academias científicas, literárias e institutos).

O Rio de Janeiro, enquanto Corte Imperial e, depois, como Capital Federal, vivenciava processos de transformação baseados em padrões ditos civilizados, recepcionava-se a modernidade enfrentando reformas urbanas, buscando incorporar, ainda que parcialmente, infraestrutura urbana (iluminação, saneamento), transporte (arruamentos, bondes e trens), comunicações (imprensa, correios e telégrafos) e segurança (sistema judiciário e policial) (GONDRA, 2000).

Nesse contexto, intensificou-se o viver urbano com todas as suas ambiguidades, com a presença de protagonistas de diferentes etnias e nacionalidades, a circulação de novas mercadorias, costumes e corpos, despontavam outras histórias e vivências com as suas tramas e os seus dramas. Algumas dessas experiências foram expostas, outras mantiveram-se envoltas em névoas, ficando ocultas nos “caminhos e trânsitos que falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem; seus mendigos falam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas” (BARROS, 2007).

Os ilustrados dessas décadas finais do século XIX – juristas, médicos, pedagogos, higienistas, urbanistas –, investidos de autoridade científica, apresentaram-se como os artífices iluminados capazes de dar respostas às necessidades de saneamento/higienização das cidades, do crescimento econômico e de formação de trabalhadores saudáveis tanto física quanto moralmente. Os discursos e as práticas de poder desses protagonistas mobilizaram um conjunto de saberes para qualificar ou desqualificar códigos e comportamentos, com a finalidade de corrigir as “anomalias” que se instauraram nas famílias, principalmente as urbanas.

Esse conjunto de problemas foi nomeado como questão urbana, a situação preocupava autoridades e médicos, que passaram considerar a cidade um organismo doente, vulnerável às febres e epidemias². Tornavam-se urgentes ações de controle à difusão das doenças e do contágio, propalava-se a necessidade de intervenções (“ações de cura”) saneando áreas, com particular atenção aos assuntos de saúde público-sanitária, medidas vinculadas aos pressupostos de higienização, difundia-se a necessidade de remodelações garantindo o bom funcionamento urbano. Para além dessas polêmicas, ponderava-se sobre os hábitos de higiene da população, que contribuíam para a péssima situação sanitária da cidade, além das condições de vida nas moradias coletivas, tinha-se o despejo de dejetos e lixo nos quintais, becos, praias e mananciais.³

A intensificação da circulação de pessoas, bem como o aumento e a constância das epidemias geraram mudanças nas concepções dos corpos, da saúde, das doenças e da morte. Ao estender o seu olhar clínico, a medicina percebeu o social enquanto organismo vivo, diag-

2. A principal doença epidêmica era a febre amarela, cuja transmissão dividia a opinião de médicos e cientistas, de um lado, existia a **teoria do contágio**, que apregoava que a contaminação se dava de pessoa a pessoa; de outro, a **teoria da infecção**, que, na esteira do paradigma miasmático, entendia que a transmissão ocorria por uma combinação de fatores ambientais e atmosféricos, o que tornava a cidade infecta por natureza (BENCHIMOL, 1999, p. 111).

3. Os Códigos de Postura eram instrumentos da Municipalidade para controlar o convívio e a ordem pública, atuando como mecanismos de vigilância e punição. Tendo como foco as questões de salubridade, buscavam corrigir desvios e condutas através de normas reguladoras de edificações (fiscalização dos cortiços), comercialização de alimentos, observando higiene/limpeza, entre outras necessidades. Somando-se a essas medidas, deveriam ser difundidos novos preceitos de higiene, cuidados de limpeza com o corpo, moradia, descarte de lixo e outras ações.

nosticando-o, identificando e catalogando suas mazelas, seus problemas higiênicos e morais, apontando hábitos e maneiras como arcaicos, ultrapassados e degenerativos dos ideais de progresso, levando à pregação de práticas, condutas e sensibilidades autorizadas como inovadoras e transformadoras, incluindo mudanças nas observações das sensibilidades (olfato, olhar, audição, tato, sabores, noções de limpo e sujo) e sensibilidades (noções de civilidade, sensibilidade romântica, ideais de liberdade, entre outros) (VIGARELLO, 1996).

A cultura urbana de desodorização do espaço se encarregaria de distribuir os indivíduos em seus devidos lugares, utilizando recursos para o “bom disciplinamento”, tais como a vigilância e a sanção normalizadora. Ganhava visibilidade a circulação de novos hábitos de higiene e cuidados, modos de morar, de se vestir, de se alimentar e se comportar à mesa, de como receber e ser recebido, de cortejar e se enamorar – não decorriam apenas de vontades pessoais, constituíam novas sensibilidades.

As novas descobertas sobre os corpos (teorias microbiana e higienista) e as novas sensibilidades (romantismo e liberalismo) foram fundamentais para que os protagonistas percebessem as singularidades das falas, dos cuidados, dos gestos e dos códigos do corpo, que foram desconfigurados, reescritos, repensados e reconfigurados. Nessa conjuntura⁴, intensificou-se o tráfico de “boas maneiras” e do higienismo, disseminando os saberes da medicina e do controle médico sobre as normas do viver urbano e familiar (COSTA, 1999). Também se ampliou a circulação dos manuais de civilidade, que traziam novas questões e abordagens, os/as autores/as chamavam para si a tarefa de cartografar os espaços entre permitidos e proibidos, desenhando limites para o salubre e o insalubre, o limpo, o sujo e o mal lavado, o feio e o bonito, o permitido, proibido e o de fino trato.⁵

Os discursos dos manuais de civilidade referendavam as relações sociais, familiares, de gênero e de geração, além disso, forneciam suporte no qual os/as autores/as inscreviam o cotidiano porta adentro, modelando o se tornar noiva, esposa e mãe, traçando as habilidades da “boa dona de casa”, talhando regras do “bem viver” e do “fino trato”. Buscavam, entre outras funções, orientar sobre o doméstico, as práticas alimentares, o bom uso do corpo, difundindo

4. No Brasil, os manuais começaram a circular em meados do século XIX, importados do modelo francês. Esse tipo de dispositivo já era muito utilizado nas cortes europeias desde o século XIV, sob a forma de tratados de cortesia, regras de moral e nas artes de agradar ou de amar (RAINHO, 2002; SILVA, 2006).

5. Os manuais foram utilizados nas cortes europeias desde antes do século XVI; visavam orientar o comportamento, seu emprego se expandiu sob a forma de tratados de cortesia, regras de moral e nas artes de agradar ou de amar. Ao longo dos séculos, essas obras passaram por constantes adaptações influenciadas por mudanças culturais, científicas, morais e das normas sociais, a partir do século XIX, os **manuais** circulavam com mais intensidade em diversos países da Europa e das Américas (incluindo o Brasil), tiveram traduções e várias edições, inspiraram outros escritos no mesmo estilo. Essas publicações difundiam saberes normativos que tinham matrizes discursivas ancoradas em ideais civilizatórios europeus, mas, que no processo de circularidade cultural se hibridizaram. Os manuais eram de diferentes tipos e com objetivos específicos: os **manuais de higiene** enfatizavam as questões de saúde e buscavam promover hábitos saudáveis, tinham preocupações com a saúde pública e, também, os ambientes domésticos; já **manuais de puericultura** orientavam sobre os cuidados com as crianças, abordando questões de higiene, alimentação e educação, a temática da instrução, também se encontrava presente nos **manuais pedagógicos** que enfocavam na formação dos futuros cidadãos. Apesar de terem alguns propósitos em comum, essas obras se diferiam dos **manuais de civilidade** como os escritos por Júlia Lopes e por Sarah Kalley, nos quais foram recorrentes os temas voltados às sensibilidades e à civilidade, nesses casos, mais dirigidos à formação da mulher e da família, reforçando papéis sociais e de gênero alinhados às expectativas de sua época. (GINZBURG, 2012; BURKE, 2003; CANCLINI, 2019, CHARTIER, 2020; RAINHO, 2002; SANTOS, 2011.)

regras, rotinas e preceitos, bem como reprimindo desvios e resistências, visando a subjetivação dos “cuidados de si”.

Enquanto gênero literário, os manuais divulgavam preceitos de civilidade com intenções prescritivas, legitimadores de necessidades e de transformação. Esses escritos contemplavam narrativas sobre progresso, civilização, liberdade, igualdade, direitos, apregoavam reformas na educação, na saúde, na instrução, difundiam preceitos de civilidade, boas maneiras e de moral (CECCHIN, 2010). Apresentavam linguagem clara, direta e didática, com estratégias, instruções sobre como os/as leitores/as deveriam proceder, para tanto, assumiam um discurso persuasivo e normativo⁶. Contudo, embora se identifiquem aproximações, pontos consensuais e princípios básicos, as práticas presentes nesses escritos nem sempre se mostraram homogêneas, sendo observadas dissonâncias e mudanças.

Para os/as leitores/as, a narrativa dos manuais funcionavam como dispositivos pedagógicos que possibilitavam novas leituras sobre si mesmo, levando os membros das famílias a constituírem uma hermenêutica de si, prestando atenção ao seu corpo, cultivando jeitos de se assear, modos de viver, produzindo-se e conhecendo-se como sujeito saudável e “civilizado”. Mediante esses cuidados de si que os sujeitos eliminariam seus “defeitos”, adquirindo a instrução e a educação que os novos tempos exigiam.

As várias reedições dessas obras podem ser indício da sua recepção, da importância na difusão dos preceitos de civilidade para diferentes setores e gerações – ou talvez de resistência à incorporação. Cabe destacar que a produção discursiva nos manuais deve ser entendida como sinalizadora de construção de práticas, possibilitando múltiplas leituras e percepções, subentendendo-se um leitor agente, implicando adaptações, apropriações, invenções e reinvenções criativas.

“A Alegria da Casa”, de Sarah Kalley

Autora da obra “A Alegria da Casa”, Sarah Kalley aportou no Rio de Janeiro em 1855, juntamente com o seu esposo, pastor e médico Robert Reid Kalley. Nasceu em Nottingham (Inglaterra) em 1825 e, ao longo dos anos, desenvolveu a arte de escrever, compor músicas e tocar piano. Além disso, gostava de pintar, escrever poemas e ministrar aulas de conhecimentos gerais na igreja onde seu pai era pastor. Em 1852, casou-se com Robert Kalley, com quem viajou, posteriormente, para os Estados Unidos e, depois, para o Brasil. Em terras brasileiras, ajudou o marido a implantar a escola dominical e as Igrejas Evangélicas Fluminense e Pernambucana. Por ser mulher, não podia pregar nos púlpitos da igreja protestante, mas a sua voz era ouvida por meio dos sermões que elaborava e que entregava para que os homens ministrassem.

“A Alegria da Casa”, publicado no Brasil em 1866, e em Portugal em 1916, foi um manual elaborado com um vocabulário simples, contemplando uma estrutura narrativa que facilitava a comunicação com o/a leitor/a, utilizando-se de exemplos práticos e cotidianos, visava contribuir para a difusão das práticas higienistas e “civilizatórias” apresentando um receituário

6. Normatizar subentende um empenho pedagógico visando a adequação de comportamentos ou práticas através de ações de disciplina, autocontrole e construção de sensibilidades. Segundo Foucault (1985), a constituição de uma biopolítica implicou o aperfeiçoamento de táticas e dispositivos de normatização visando a subjetivação de práticas individuais e o aprimoramento da saúde da população.

rio de padrões de “boa conduta”. Os escritos abordavam temas diversos voltados principalmente para as mulheres, dando ênfase aos cuidados e à limpeza da casa (diferentes cômodos, sala, cozinha e quartos), à alimentação, observando a higiene e saúde pessoal e da família (da pele, boca/dentes, rosto, nariz, olhos, cabelos, mãos, unhas, sono).

No centro da narrativa encontrava-se a mulher, sendo o ministério da maternidade sua principal atividade, nesse sentido, os escritos visavam reeducar as mães, medicalizando hábitos de vida, introduzindo a responsabilidade de cuidar da saúde da família, observando atentamente quaisquer rastros de doenças e atuando prontamente para evitá-las⁷.

Nos escritos kalleyanos, o cotidiano feminino deveria ser marcado pela devoção à maternidade, sendo a mãe vista como educadora e mediadora, acompanhando os preceitos da “ciência maternal” regidos pela pedagogia e pela concepção higienista. Para tanto, as mães deveriam ser vigilantes e disciplinar comportamentos mediante normas, controle sobre si e sobre as crianças. A visão do corpo e de seus cuidados era norteadas pelos conhecimentos médicos, que difundiam práticas e orientações normatizando os cuidados para todas as partes do corpo e as ações para eliminar os maus odores, más exalações, mau hálito e fedores do corpo (KALLEY, 2005, p. 86).

A higiene infantil se tornava imperiosa, o corpo da criança imprimia a marca do asseio e do cuidado materno, devendo ser constantemente limpo, investindo em ações de combate aos inimigos invisíveis (bactérias, protozoários e micróbios) e odores indesejáveis. O ritual do **banho** passou a ser apregoado como uma prática pedagógica higienizadora, e com essa “novas sensibilidades são trabalhadas, conduzindo ao exercício de uma dupla vigilância – sobre os outros e sobre si (autocontrole)” (BRÁS, 2008, p. 4). Alertava-se para a observação da sujeira no corpo, a falta de higiene percebida (pelo olfato e pela visão) deveria ser sanada pelo banho, prática capaz de evitar a contaminação da pele e prevenir doenças. Assim, a concepção do corpo limpo pela água foi difundida, aprendida e interiorizada (VIGARELLO, 1996, p. 175).

Kalley apontava que “a pele não lavada é uma pele fria, e assim produz abatimento de espírito”, aconselhava as mulheres a tomarem um banho frio todas as manhãs, esfregando o corpo com um pano molhado para desobstruir os poros e, “assim, evitar muitas moléstias, e tornar-se mais agradáveis a si e aos que os cercam” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 86). Os olhares e os narizes passaram a atentar para a sujeira corporal, os odores que emanavam das partes ocultas e pudendas eram identificados, mas, particularmente, observava-se o que se encontrava exposto na pele, rosto, mãos e unhas, que precisavam de cuidados constantes. As mãos deveriam ser ensaboadas e limpas várias vezes por dia, e as unhas “devem andar limpas e curtas” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 87-88).

A missionária concedeu atenção aos cuidados com a boca, vista como a via de penetração de doenças. Dessa forma, a assepsia bucal deveria ser cuidadosa, higienizando as gengivas e os dentes para evitar as cáries e o mau hálito, que feria as boas maneiras. Assim, aconselhava:

[...] os dentes devem ter cada manhã igual limpeza, sendo bem escovados não só para não repugnarmos aqueles com quem falamos, senão também para a conservação destes agentes tão preciosos e tão necessários ... algumas pessoas dizem que se limpam melhor os dentes areando-os com um pouco de *sal fino*. Outras empregam

7. Apesar de muitos escritos dessa natureza serem voltados apenas para as famílias de elite, “*A Alegria da Casa*” destinava-se também para os populares, já que inicialmente foi endereçado à Igreja Evangélica Fluminense e, posteriormente, aos alunos da Instrução Pública Primária do Rio de Janeiro.

giz refinado para o mesmo fim. Outras esfregam-nos com *sabão* antes de escová-los (KALLEY, apud CARDOSO 2005, p. 87).

O aperfeiçoamento e a reeducação dos sentidos se tornaram fundamentais para a pedagogia da boa higiene. Sarah destacava a importância do uso de todos os sentidos na luta cotidiana contra os “inimigos invisíveis”, estabelecendo as diferenciações entre o cheiroso e o fedorento, o limpo e o sujo, implicando em modificar hábitos, práticas, percepções e valores. O olfato era descrito como fundamental:

O nariz é sentinela vigilante, sempre de atalaia, e que, à menor sombra de risco ... quando ao nosso olfato repugna alguma coisa, é que ela não tem utilidade para a saúde do corpo; da mesma forma, quando o nariz, vedete incansável, bradar o *Quem vem lá?* Devemos arrepear-nos de que o inimigo perto vem (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 81).

Outra sensibilidade conclamada por Sarah era o **paladar**, que deveria ser aperfeiçoado visando a saúde da família. Prescrevia cuidados no preparo da comida e na sua conservação, as práticas cotidianas de higienização evitariam doenças provocadas pela ingestão de comida contaminada. A desinfecção da casa, particularmente da cozinha, ganhou destaque na narrativa kalleyana, assim, o capítulo I do livro foi dedicado a esse fim, advertindo que “cozinha asseada [era] casa asseada”. Os trabalhos no cozinhar deveriam estar envolvidos em afeto, asseio e cuidado, envolvendo rituais diários: “cada manhã [...] a cozinha deve ser varrida com cuidado; o fogão, tirar-lhe a cinza e escová-lo; as mesas, cadeiras, etc., limpá-las”. Também arrolava os cuidados para com os utensílios, vasilhas, panelas, louças, copos e talheres (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 72).

Dessa forma, escrevia e prescrevia cuidados, receitas, fórmulas, regras, tanto para o interior quanto para o exterior da casa: “As vidraças limpas, até se tornarem lustrosas, são para uma casa o que o céu claro é para o mundo; e é importantíssimo conservá-los assim, não somente para maior glória dos moradores, como também para benefícios da sua saúde” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 80).

A sala era identificada como um cartão de visita, refletindo as qualidades da dona da casa. A sala consistia em um local de vivências e precisaria ser limpo, agradável, iluminado e saudável. “Na sala de visita, como na sala de jantar, como em todos os outros lugares e aposentos de uma casa bem governada, a coisa principal é o *asseio*”, pois isso não confere somente “um ar de agradável conforto à morada, como uma boa ideia do morador” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 78 e 81).

A pedagogia da higiene mostrava-se por todo o interior e o exterior da habitação. Para Sarah, as mulheres não podiam descuidar da limpeza diária, removendo “toda a água suja e de lavar a louça do quarto de dormir todos os dias com um pouco de água quente, enxugando-a, depois com uma toalha reservada para este fim somente”, evitando as águas paradas que atraíam doenças para dentro de casa e para seus moradores. O quarto asseado careceria de ser varrido, “seus móveis devem ser bem limpos da poeira, e será bom aqui lembrar que o bater em qualquer objeto, com um espanador ou com um pano, só faz com que a poeira voe de um lugar para outro” e, uma vez por semana, deveria ser lavado “com água e sabão” (KALLEY, apud CARDOSO 2005, p. 76-77).

O abecedário da limpeza, as lições repetitivas, o controle da gramática cotidiana, as vozes ativas dentro de casa eram evocados. O asseio da *frontaria* da casa era visto como representativo da boa higiene dos seus moradores. “A soleira e o limiar da porta devem ser cuidadosamente varridos todos os dias de serviço, e lavadas uma ou mais vezes na semana. Em igual asseio e limpeza deve cada um trazer a sua testada, bem como o pátio, se o tem” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 81).

Os cuidados para com a casa estavam ancorados nas ideias e práticas de higienização e disciplinarização, com a finalidade de estabelecer uma ordem familiar. A casa higiênica era celebrada, desejada, os cômodos iluminados, ventilados, limpos, livres de maus odores, determinando novos hábitos domésticos: “A mais de um médico tenho ouvido declarar que muitas moléstias se originam deste costume de dormir em lugar onde o ar puro não pode penetrar facilmente, e considerando alguns fatos físicos, vemos quão pernicioso, com efeito, é um tal sistema” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 75).

Em “*A Alegria da Casa*”, o número de “lições” sobre limpeza da casa e cuidados com as crianças é maior do que sobre o próprio feminino, percebendo-se na narrativa uma mulher co-sida de cuidados, escrita por palavras doces, costurada pelas agulhas do racionalismo, cerzida pelas linhas do puritanismo inglês:

Rica ou pobre, cada mulher deve sentir que aos olhos de seu próprio marido lhe cumpre mostrar-se mais agradável do que aos de outro qualquer no mundo. Deve ter, ao mesmo, desejo igual de lhe agradar quando é *seu marido* como tinha o cativar quando era somente *seu admirador*, e, se este empenho se manifestasse em tudo, parece-me que raras vezes haveria desgostos entre os casados (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 100).

Um repertório de atividades era pedagogicamente receitado por Kalley para livrar o corpo feminino da doença. Entre as prescrições terapêuticas, aconselhava-se “conservar a sua pele bem lavada com sabão e bastante água”, fazer “exercícios de dia, e dormir em um lugar arejado [...], comer ao almoço o suficiente, ao jantar com temperança, e pouco ou quase nada à noite”, pois que, obedecendo a essas instruções, “raras vezes precisará de doutores” (KALLEY, 2005, p. 92).

Além de tudo isso, Sarah Kalley advertia sobre vestuário que “deve haver ordem e asseio, e sobretudo devemos vestir sempre em harmonia com a posição social de cada um” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 90), de forma decente, discreta e decorosa. Recomendava que as mulheres cuidassem das roupas também quando estivessem dentro de casa, já que:

[...] um homem carece, para sua mulher, de uma companheira que lhe seja agradável *todos* os dias e a *todas* as horas, mas não de uma criatura que toda se enfeite somente para passeios da rua, e a qual nem levemente se abale de mostrar-se aos de casa em tal desordem e desleixo de vestuário que só ao vê-la cause tédio e aborrecimento [...] Muitas senhoras em casa vestem-se de farrapos e andam sujas e maltrapilhas, para poderem sair à rua com mais um enfeite de seda, ou mais um raminho de flores artificiais! (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 90).

Essa profilaxia do vestuário contribuiu para as mudanças dos trajes tanto dentro quanto fora de casa, aumentando, assim, o comércio de roupas e de tecidos. Famílias que só se

preocupavam com o traje quando saíam às ruas passaram “a consagrar maior atenção ao modo como se vestiam em casa. O cuidado em adequar a roupa ao clima, às idades e aos gêneros ampliou, consideravelmente, o consumo destes artigos” (COSTA, 1999, p. 130). Tendo como agentes dos novos estilos de vestir costureiros e modistas (MENEZES, 2014), o vestir tornou-se elemento de distinção social, “o olhar sobre o corpo se enriqueceu inexoravelmente, acrescentando detalhes estéticos [...]” (VIGARELLO, 2006, p. 103) e marcando uma teatralidade do figurino pela qual mulheres e homens buscavam mudar e/ou disfarçar o corpo coberto e se embelezar⁸.

A normalização médica unia-se à estetização do sujeito. As representações do trajar, do combinar roupas e cores, emergiam explorando o cuidado com a limpeza tanto do vestuário externo como das roupas íntimas.

É mau sinal quando a roupa por *fora* está nova e enfeitada, e a de *dentro* está velha e sem préstimo. É melhor tolerar uma casaca ou vestido velho do que trazer as cousas rotas às escondidas. Um homem que anda com chapéu e casaca na última moda, ao passo que leva a camisa velha e suja, ou uma mulher com flores e rendas, e com buracos nas meias e saia de uma cor duvidosa, é triste espetáculo! Se é preciso sacrificar alguma coisa, seja a de menor importância. Não há dúvida, de que o estado da roupa que se traz *por dentro* dá uma prova mais infalível da decência de uma pessoa do que qualquer adorno de coisas exteriores (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 91).

A pedagogia da higiene adentrou a arquitetura familiar e contribuiu para a criação das figuras da “boa” e da “má” dona de casa, sendo a “boa mulher” representada como laboriosa, asseada, econômica. Estava sempre realizando tarefas, limpando, lavando roupa, bordando, costurando e cerzindo, engomando as roupas, limpando as crianças, preocupando-se com todos os recônditos da casa, que deveria “ser bem arejada, mas (principalmente no tempo de verão) é bom conservá-la muito *sombria*, por causa das moscas, às quais a escuridão afugenta, e que causam tão grande incômodo nas horas de comer” (KALLEY, apud CARDOSO, 2005, p. 78).

4. “*Livro das Noivas*”, de Júlia Lopes de Almeida

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) nasceu no Rio de Janeiro, casou-se com o poeta e jornalista Felinto de Almeida, com quem teve seis filhos. Recebeu uma educação refinada, iniciando sua carreira como escritora em 1881, escreveu para diversos jornais e revistas no Brasil e em Portugal, publicou várias obras, algumas de reconhecido sucesso editorial, entre elas “*Livro das noivas*” (1896). Em 1891, iniciou-se como romancista em “*A Família Medeiros*”, seguido por “*A Viúva Simões*” (1897), “*Memórias de Marta*” (1899), “*A Falência*” (1901), “*Correio da Roça*” (1913), no decorrer de sua vida publicou mais de 30 obras, tornando-se reconhecida por seus pares e pelos eleitores.

8. A nudez passou a ser “castigada” pelos médicos e moralistas, que desejavam corpos bem-vestidos, bem-cobertos, nada de decotes excessivos, sendo que a nudez passou a ser descrita como indecente, violação da moral e má educação.

Atuante nas causas feministas⁹, Júlia Lopes frequentava eventos e circuitos literários, esteve inserida em redes intelectuais e feministas, manteve contato com escritoras de outros países, com destaque para as portuguesas Ana de Castro Osório e Emília de Sousa Costa (FLORES, DUARTE, MOREIRA, 2009; FREITAS, 2021; VIEIRA, 2011).

O “*Livro das noivas*”, ao contrário de outros escritos do mesmo gênero, é marcado por uma narrativa que explicita a experiência de Júlia Lopes como escritora e sua preocupação com o estilo estético do texto. Apresentava itens curtos e independentes, como se fossem crônicas, nas quais a autora se utilizava de liberdade criativa, registrando cenas, ocasiões ficcionais, elaborando diálogos entre personagens (mãe com a filha no dia de seu casamento, conversas entre amigas e entre sogra e nora, visita a uma amiga), alguns tópicos são cartas (a uma noiva, de uma sogra, a uma celibatária), outros representam uma visita à casa de uma amiga. Além dos diálogos, colocava questões, sugeria respostas, dava conselhos e instruções¹⁰. Usava da descrição densa para apresentar a casa, o jardim, a horta, os vestuários; buscava envolver e comover o leitor ao falar do amor conjugal e do afeto maternal, das virtudes e da prática da caridade, dos pobres e dos cuidados com os doentes.

A obra foi dedicada ao seu marido, registrando o afeto que nutria por Filinto de Almeida, com o qual foi casada por mais de 40 anos. O livro se encontra organizado em três partes, numa primeira questionava preceitos, conflitos e tramas do casamento, falando do amor e da felicidade (“O dia do casamento”, “Carta a uma noiva”, “A poesia da vida”, “Concessões para a felicidade”), discutia as questões da vivência da pobreza e da caridade (“Saber ser pobre”, “Os pobres”, “Os doentes”), abordava a importância da educação feminina (“Os Livros”, “Bellas Artes”), o lazer e o vestuário (“Os Bailes”, “A roupa branca”, “As joias”). Na segunda unidade, os itens privilegiam as questões da casa (“Da sala a cozinha”, “A mesa”, “A cozinha”, “Floricultura”, “Horticultura”), destacando-se um item sobre “Os criados”. Por fim, a terceira parte se centra nas discussões sobre a maternidade, saúde e educação das crianças (“Ser mãe”, “Entre dois berços”, “As crianças”, “Educação”).

Dirigida às noivas, a obra apregoava que o vetor da escolha matrimonial deveria ser o amor, assim sendo, questionava as práticas, ainda em voga, das bases contratuais do matrimônio de conveniência, do regime de bens e do dote (NAZZARI, 2001)¹¹. Discutia padrões, valores, comportamentos e sensibilidades emergentes assentados nas prédicas do amor romântico

9. Considera-se a atuação da escritora como um “feminismo possível”, isto é, inserido na conjuntura da sua época, destacando-se entre as principais pautas do seu engajamento a preocupação com a condição feminina e a educação, que considerava um instrumento fundamental para a libertação moral, social e intelectual das mulheres. Júlia apregoava e participou de manifestações pelo direito ao sufrágio feminino (no Brasil, o direito ao voto para mulheres foi instituído em 1932). Além de atuar através de seus escritos, ela palestrava, participava de encontros e congressos, também, criou e participou de associações feministas e filantrópicas, como a Associação da Mulher Brasileira, a Legião da Mulher Brasileira (1919) e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922). (LUCA, 1999)

10. A erudição da autora se explicita nas referências e comparações com situações similares na França, na Inglaterra e em outros países da Europa, citava autores como Michelet, George Sand, Herbert Spencer, além de pedagogos e higienistas.

11. No século XIX, o declínio do tamanho e da frequência dos dotes levou a valorização das qualidades pessoais e a educação da noiva passou a ser vista como um atrativo no novo pacto patrimonial, já que a auxiliaria a ser uma boa mãe, além de protegê-la contra as incertezas. Os homens da elite consideravam uma noiva alfabetizada mais atrativa que uma sem instrução, pois poderia ensinar os filhos a ler e escrever, sendo mais eficiente na administração da casa e controle dos criados (NAZZARI, 2001).

e da felicidade amorosa, contribuindo para a subjetivação desses sentimentos e de suas práticas (BORGES, 2018; CECCHIN, 2010). Sobre as relações matrimoniais e as “concessões para a felicidade” (ALMEIDA, 1905, p. 49), observava a posição da esposa, estabelecendo relações hierarquizadas entre os gêneros

A mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou. (ALMEIDA, 1905, p. 29)

Assumia a incumbência de instruir as leitoras sobre o amor materno e as responsabilidades da maternidade. Seus conselhos se enquadram na valorização da infância como uma etapa da vida que necessita de atenções e cuidados.

Não sei que haja, para uma mulher de coração, prazer comparável ao de criar seus filhos! Eu, confesso, sinto um grande desvanecimento e um íntimo orgulho quando olho para o meu filho, criança robusta, que espalha por toda a casa o seu riso sonoro... não há nada mais encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com atenção, desde que o crie, o desabrochar da inteligência e dos sentimentos de um filho... (ALMEIDA, 1905, p. 177-178)

As questões sobre a infância envolviam médicos, pedagogos, higienistas, produzindo uma variedade de interpretações e proposições, baseando-se nessas matrizes discursivas que Júlia sintetizava os debates, destacando a importância da higiene infantil, do asseio e do banho diário (VIGARELLO, 1996).

A higiene das criancinhas é sabido no que consiste: ar puro e renovado, passeios a jardins, muito asseio, banhos diários com água fresca, seguidos de brandas fricções com uma espoja ou toalha seca; cabeça bem lavada, esfregada com escova macia, a fim de auxiliar o nascimento do cabelo e de não deixar a caspa se acumular sob a forma de crosta, que as mães ignorantes ou pouco limpas respeitam como uma erupção inevitável!... não tolero a vista dessas cabeças que, em vez de atraírem beijos, repelem-nos pela sua imundície. (ALMEIDA, 1905, p. 190)

A obra apregoava a difusão de hábitos sadios, através de propostas higiênicas a serem implementadas pelas mães, que deveriam assumir os cuidados dos corpos infantis. No que se refere aos dentes, precisariam ser observados desde a primeira dentição, desenvolvendo o hábito da escovação e limpeza todas as manhãs e as noites, antes de dormir, promovendo a saúde bucal, evitando a cárie e possibilitando a frescura do hálito. Lembrava que “é bom deitar algumas gotas de Phenol Boubeuf na água com que lavamos a boca e presidir a toilette das crianças que não esqueçam isso. O Phenol é um excelente preservativo para moléstias da garganta e dos dentes” (ALMEIDA, 1905, p. 128).

A nutrição infantil merecia atenção especial, necessitava ser saudável em todas as etapas do crescimento das crianças. Divulgava a importância da amamentação materna, que possibilitava o melhor nutriente, que deveria ser ministrado com cuidados higiênicos, em horários determinados e com intervalos regulares.

... não basta ter-se sofrido as fadigas da gravidez e as dores do parto para se ser mãe! É ainda além disso preciso afrontar os trabalhos de aleitamento, levando a cabo o cumprimento da missão que a natureza impõe..., julgamo-nos algumas vezes inábeis para realizar uma empresa, como a da amamentação, que, se é em extremo fatigante, não é coisa tão simples, para ser feita sem preocupações de espírito, nem tarefa que se leve ao fim sem fadiga do corpo... (ALMEIDA, 1905, p. 188)

Questionava a utilização de amas de leite¹², alertando sobre os perigos as “amamentação mercenária”

Porque o leite é o sangue, e no sangue pode ir a transmissão da paixões, das doenças, dos vícios constitucionais, de defeitos de gênio e de caráter, tanto como pela geração. Porque o leite de uma outra mulher pode infiltrar nosso filhinho sentimento de que mais tarde tenhamos de corar! (ALMEIDA, 1905, p. 188)

A autora destacava a relevância da instrução feminina, considerando-a essencial para a propagação do novo modelo de maternidade que disciplinaria as crianças no sentido da ordem, do estudo, do trabalho e de valores morais. A maternidade deveria ser motivo de orgulho e felicidade, mas envolvia responsabilidades e carregava o fardo da culpa, já que as más atitudes e desvios de condutas dos filhos, eram vistos como sinais de “falhas” maternas. Afirmando que

Nenhum mestre pode ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, que a mãe! E é essa missão é a que deve induzir as moças a ler e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com inteligência, alegre e maternalmente!... Vamos, minhas amigas, tenhamos coragem para levar a nossa missão ao cabo! Ela não é leve, mas, é com certeza a mais pura, a mais justa, a mais ampla, a mais bendita das benditas! (ALMEIDA, 1905, p. 201-203)

A obra observada que educar os filhos implicava ter preceitos e método norteados pela puericultura e pela pedagogia, ordenando e disciplinando o cotidiano, impondo horários, regras e programas.

Dizem todos os higienistas que as crianças, mais que os adultos precisam de uma vida metódica, conquanto agitada. Devem-se levantar cedo, deixando a moleza dos lençóis quentes e o ar abafado da alcova pelo aroma sadio da manhã e a luz benéfica do sol. Depois do banho frio, tomarão leite quente e farão correrias em que desentorpeçam os músculos; pelo dia terão o alimento a horas certas, os recreios regulares, até que chegue a noite, devendo ir para o leito, sempre á mesma hora. Este programa não é difícil de executar, e quantos desastres pode prevenir! ... O nosso principal esforço deve ser fortalecer o corpo e o espírito da criança; para isso devemos ministrar-lhes, a par de passeios e jogos infantis, vestuários apropriados á estação, alimentação sa-

12. Nesse momento em que crescia a obsessão com a propagação de doenças contagiosas, ganhou ênfase o questionamento da “amamentação mercenária”, ante a possibilidade de que as amas infectassem as crianças, principalmente, com tuberculose e sífilis, assim, foram desencadeadas campanhas/ações contra as condições em que era realizada essa função, se tentou regulamentar a ocupação, procurando-se regradar obrigações e deveres. (MATOS, 2019; MORAES, 2021)

dia, ginástica, estudo sem esforço e sem castigos, limpeza, bons exemplos, ternura e alegria. (ALMEIDA, 1905, p. 195-199)

Os aconselhamentos doutrinadores e modelares de Júlia Lopes também incluíam os “cuidados de si” (FOUCAULT, 1985), aqueles que as mulheres necessitariam ter com a higiene do seu corpo (pele, boca/dentes, rosto, cabelos, unhas), com a beleza e o vestuário. Ressaltava que

Nós, as brasileiras, tratamos a nossa saúde sem inteligência nem cuidado. Andar a pé! Quem nos fala disso! Desconhecemos os passeios higiênicos feitos pela manhã quando a vegetação rescende ainda o frescor perfumado da noite e o sol tem a temperatura branda que não nos fere a pele com as agulhadas do calor do meio-dia.... não ter receio dos banhos frios... (ALMEIDA, 1905, p. 186)

Quanto ao vestuário, preconizava que deveria ser discreto, adequado ao tipo físico e à idade, assim como as joias (“ter joias não é fácil; usá-las com discrição é difícilimo” ALMEIDA, 1905, p.63), os perfumes e a maquiagem (rouge e pó de arroz) precisariam ser usados com parcimônia e elegância. Aconselhava não acumular grande quantidade de roupas, essas deveriam estar sempre bem conservadas, higienizadas e marcadas (monogramas). Para a limpeza adequada das roupas brancas pessoais e dos itens de cama, mesa e banho, indicava o uso de lavadeiras externas. Contudo, alertava para os perigos da contaminação, dessa forma, as lavadeiras deveriam ser de confiança, garantindo que o serviço não fossem feito em tanques e tinhas de cortiços e misturando roupas de várias procedências.¹³ Ressaltava:

Detestei sempre as roupas lavadas em tanques e nas tinhas dos cortiços ou dos quintais apertados da cidade. Ali, com o mesmo sabão e na mesma água as lavadeiras misturam a roupa de toda a gente, sem distinção, estendendo-a depois a secar sobre pedras ou sobre zinco, em um ar viciado e doentio. A noite recolhem e guardam a roupa no mesmo quarto em que dormem com a filharada, entre o amontoado dos trastes e dos trapos. (ALMEIDA, 1905, p. 20)

A esposa abnegada ao marido e aos filhos teria como qualidades ser dedicada, laboriosa, ordeira, caprichosa, metódica, prática, sensata, asseada, higiênica, econômica (organizar os gastos, sugeria um caderno com registros e controle das despesas),– enfim, uma hábil administradora do lar. Dessa forma, ampliava as responsabilidades femininas no espaço privado, na organização, conservação e higiene do lar, visando a saúde, harmonia e felicidade de todos.

A autora abordava diversos temas do cotidiano doméstico, em particular, a alimentação. A dona da casa deveria acompanhar pessoalmente de todas as etapas do preparo da comida, desde a compra dos ingredientes, buscar um mercado arejado e limpo, verificar a procedência e qualidade das carnes, dos pescados, das frutas, dos legumes e das verduras. Garantindo uma alimentação variada e saudável, sugeria que, se possível, a moradia tivesse um galinheiro, uma

13. Em várias ocasiões, particularmente durante as epidêmicas, as lavadeiras foram acusadas pela disseminação das doenças, alegava-se que a água suja das lavagens que escorria pela cidade seria foco de propagação. Autoridades higiênicas alertavam que as mulheres que recolhiam roupa para lavar em tinhas comunitárias nos cortiços “misturavam as roupas de todas as gentes” e contaminavam as famílias, reforçando a ideia corrente de que o pobre infectava o rico. (MATOS, 2019, p. 147)

horta e um pomar. Valorizava essas extensões da casa, assim como o jardim, que devia estar sob os cuidados e a vigilância da senhora (orientava sobre o processo do plantio, sementeira, poda, seleção das flores), via na jardinagem uma atividade prazerosa e de lazer

Um jardim feito por nós, merece-nos mais amor [...] adoramos a sombra desta ou daquela árvore, envaidecemo-nos com a lembrança de ter sido plantada por nós! O primeiro ramalhete oferecido à mãe ou ao pai, enche a jovem jardineira de orgulho e de alegria... Em poucos países o prazer da jardinagem poderá ser tão bem recompensado como no nosso. As maravilhosas orquídeas de formas fantásticas, coloridos originalíssimos, perfume penetrante, bastam para fazer a delícia de qualquer colecionador inteligente”. (ALMEIDA, 1905, p. 132-33)

Zelando por uma nutrição saudável e equilibrada, atentando para a limpeza da cozinha e para a higiene no preparo dos alimentos feito com carinho buscando agradar ao gosto do marido e das crianças (ALMEIDA, 1905, p. 90). Por fim, as refeições seriam servidas com esmero (ELIAS, 1994):

Linho alvo, flores frescas, cristais límpidos, porcelana e talheres, bem tratados, constituem o principal elemento para tornar uma mesa atraente e risonha... não está só na quantidade nem mesmo na variedade do menu o encanto de qualquer refeição, mas sim na sua leveza, no sabor delicado dos seus alimentos e na maneira porque é disposta e servida. Certamente que não há nada mais que carinhoso olhar mereça de uma boa dona de casa do que a mesa bem-posta... (ALMEIDA, 1905, p. 89)

Sobre a casa, aconselhava que a escolha do imóvel priorizasse local “arejado, claro, seco, procurar saber quem morou anteriormente, se teve alguém com moléstia contagiosa. Antes da mudança desinfetar a casa com rigor [...] todo o cuidado é pouco” (ALMEIDA, 1905, p. 127). Acompanhando os preceitos regentes com a valorização da perspectiva médico-higienista, destacava que “todas as famílias devem perguntar ao seu médico com que devem desinfetar diariamente a casa em tempos de epidemias, e quais os remédios que é bom ter sempre à mão” (ALMEIDA, 1905, p. 129).

A autora apontava que a casa fosse marcada pela praticidade, conforto e higiene. Os cômodos precisariam ser arejados, ventilados, luminosos, claros, acolhedores e confortáveis. A disposição dos móveis deveria ser harmônica se limitando ao indispensável, com um mobiliário leve e bem tratado, opunha-se ao uso de cortinas e tapetes pesados, que acumulavam pó e micróbios (ALMEIDA, 1905, p. 153-165).

O quarto não era grande, mas fresco, bem iluminado por uma janela larga, sem cortinas. O chão, todo encerado, não tinha tapetes e nas paredes reinava a mesma simplicidade. Como mobília a indispensável cama, criado-mudo e um cabide de pés, nesse momento espanado e desocupado, posto ali para receber à noite a roupa que despissem, o que é mais higiênico que deixá-la sobre cadeiras ou pendurada rente às paredes. (ALMEIDA, 1905, p. 157)

A cozinha era foco de atenção e zelo especiais, primando pela limpeza e higiene, aconselhava que esse cômodo tivesse paredes com ladrilhos e azulejos brancos, assoalho claro, pra-

teleiras forradas, mesa lavada, pias com água corrente, destacava que o fogão a gás era mais cômodo e higiênico.

...a copa, que é, como a cozinha, de ladrilho e de azulejo branco. Estas duas pias são, uma para pratos, outra para xícaras e para copos. Em ambas água corrente, fria e quente. Como mobília, a mesa para depósito da louça. Nas paredes os ganchos niquelados para os panos de serviço. Agora a cozinha. O fogão econômico tinha sido substituído por um fogão de gás, que brilhava com os seus metais escrupulosamente areados. Numa parede, em uma pequena prateleira de mármore branco, viam-se os potes de louça — do sal, da pimenta, da massa de tomate, etc. (ALMEIDA, 1905, p. 160)

Os utensílios de cozinha e de serviço de mesa (vasilhas, panelas, potes, louças, copos e talheres) deveriam ser em número e tamanho adequados às necessidades da família, mantidos sempre limpos e adequadamente guardados (ALMEIDA, 1905, p. 90-99).

Procurando orientar sobre o cotidiano dos afazeres domésticos, da administração e da organização do lar, apregoava a importância de um sistema, um método rigoroso de gestão, marcado pela ordem, organização de horários e estabelecimento de funções.

A ordem e o método são às vezes coisas difíceis de adquirir, mas depois fáceis de conservar. Dependem de um esforço da vontade, de uma tenacidade sempre proveitosa... A paz, o bom humor, a saúde mesmo, obtém-se em grande parte com a ordem. Infelizmente, a ordem não é fácil de estabelecer-se em uma casa, desde que a dona não tenha bastante força moral, caráter firme, vontade ou educação metódica e perfeita... é que os devemos sujeitar a um método rigoroso. Assim, tendo um lugar certo para cada objeto, o que evita a impaciência da procura, coisa terrível e abominável; tendo asseio, submissão ao relógio, para que tudo marche a tempo e a horas, e tendo distribuído (ALMEIDA, 1905, p. 74-75).

Além dos cuidados com a higiene, “para que o movimento da casa seja regular e perfeito devemos ter lugares especiais para cada objeto” (ALMEIDA, 1905, p. 159), preconizava a necessidade da ordenação de tudo, das roupas nos armários, nas gavetas e em baús, roupas essas que deveriam ser aromatizadas com sachês ou pequenos maços de alecrim, alfavaca ou outras flores, ratificando a valorização dos aromas, como sinônimo de limpeza. ((VIGARELLO, 1996).

Não há nada mais gostoso, entre os nossos hábitos caseiros, do que ter sempre bem arranjadinha a roupa branca. É nela que o nosso capricho e zelo melhor se podem revelar. Uma gaveta denuncia fatalmente a dona; se ela for esmerada, deita de vez em quando um ramo de flores frescas. O aroma das plantas impregna-se suavemente no linho e no morim (ALMEIDA, 1905, p. 19).

O espaço doméstico deveria ser regido pela pedagogia da governança, sob o controle e as regras estabelecidos pela dona da casa, centrados em preceitos de higiene, ordem e moral. Numa sociedade recém-egressa da escravidão se observava permanências das relações marcadas por hierarquias, persistindo práticas que colocavam os/as criados/as sob a tutela das senhoras, acompanhando pressupostos normativos, disciplinares de controle e subordinação,

que se somavam as relações paternalistas¹⁴. (GRAHAN, 1992; MATOS, 2019) Nesse sentido, a obra orientava sobre o controle e disciplina dos criados, que deveriam ser tratados com autoridade, mas, também com respeito e possibilitando alimentação e acomodação adequadas (ALMEIDA, 1905, p. 160).

Deixando cair todas as culpas e responsabilidades sobre os criados, não tratamos de averiguar se estamos ou não bem-educadas para lidar com eles! Caímos nos extremos, impomos-lhes severamente, ou pedimos-lhes como um favor o cumprimento dos seus serviços; e aí está muitas vezes o motivo de ou sermos pouco respeitadas, prevalecendo-se eles da nossa condescendência bonachona, ou de sermos abandonadas por antipáticas e abusivas! (ALMEIDA, 1905, p. 119)

As relações estabelecidas nos domicílios implicavam num controle constante, supervisionando o trabalho e o comportamento dos criados. Na organização metódica da rotina de trabalho, a dona da casa devia monitorar as tarefas e instruir os criados nos afazeres, determinar as funções, responsabilidades e atividades a serem desenvolvidas; para tanto, a autora aconselhava a utilização de tabelas semanais dos serviços assegurando qualidade, aproveitamento adequado do tempo (pontualidade e assiduidade) e rotina eficiente.

...em casa tabelas para o serviço da semana. São três tabelas uma para a cozinheira, com os menus determinados, dias de lavagem do assoalho, de portas e de janelas, polimento do fogão, torneiras, etc. Esta é, naturalmente, a tabela mais sujeita a alterações, porque nem sempre se encontra no mercado o gênero procurado. Em todo caso, poupa o trabalho de pensar, ou de repetir muito um prato qualquer.

A segunda tabela é para o copeiro. Além do serviço da copa, limpeza de botas, etc., que é todos os dias o mesmo, estão nela marcados também os dias de lavagem destes ou daqueles compartimentos, de vidros, lampiões, armários, de passar óleo nos móveis e arear os metais, tendo ainda a obrigação de regar todas as tardes o pequeno jardim de que a própria dona trata.

A terceira tabela pertence à criada e determina, além do serviço diário da limpeza do quarto, da toilette, e do passeio matinal com as crianças, o seguinte método: segunda e terça feira lavagem da roupa das crianças; quarta feira examinar e concertar roupa branca, pôr ao sol fatos de casimira, botinas, tudo que for sujeito ao mofo: quinta feira passear com as crianças; sexta e sábado passar roupa branca e engomar. Domingo livre. (ALMEIDA, 1905, p. 75-76).

O conjunto de conselhos e indicações presentes na obra, a sua circulação e recepção pelo público feminino visava garantir práticas, um *savoir vivre* difundindo *habitus* entendido “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas, necessidades objetivas das quais ele é produto” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

14. As atitudes paternalistas tinham leituras diferenciadas por parte de patrões e criados. Para os patrões, abria-se a possibilidade de amenizar os conflitos, minando resistências, criando obrigações mútuas e relações com a busca de estreitamento de vínculos de fidelidade e envolvimento. Já os criados utilizavam essas práticas paternalistas como forma de garantir benefícios e ocupar brechas; contudo, eles, também aderiam ao processo, sendo exemplar as iniciativas de indicar parentes e conhecidos para a função. (MATOS, 2019)

5. Considerações finais

As mudanças vigentes na segunda metade do século XIX abrangiam vários domínios, para além do espaço público, estendiam seus tentáculos “porta adentro”, com a ampliação do campo de ação da medicina e do higienismo, buscavam influenciar diretamente a alteração do espaço e da organização da casa. O trabalho doméstico se alterou com a difusão de novas normas de higiene, redobrando os cuidados para com o ambiente, a importância da limpeza, ampliando a responsabilidade das donas de casa pela saúde e pelo bem-estar dos membros da família, principalmente em relação aos cuidados com as crianças (COSTA, 1999).

Nesse contexto, a saúde da nação foi vinculada à das famílias, ampliando-se as preocupações com as enfermidades contagiosas. Uma das questões que marcaram os discursos civilizatórios – médicos, sanitaristas, higienistas, pedagógicos – em torno da família foi a preocupação com o controle do desejo dos seus membros, da educação das vontades, dos dispêndios da energia do corpo. Somente uma modificação na leitura de sua corporeidade conduziria os indivíduos ao autocontrole e ao equilíbrio das energias do corpo, equilíbrio concebido como a saúde de si mesmo. A higiene física, moral e intelectual, a saúde para o corpo, o caráter para a alma e a inteligência para a sociedade. (VIGARELLO, 1996; COSTA, 1999) Para auxiliar nesse processo, expandem-se os manuais e as revistas com normas de como executar e/ou organizar os serviços do lar. O que se percebe nessas obras era que a educação das vontades e do cotidiano de mulheres se constituía em condição fundamental almejada pelo discurso civilizatório, marcado por enunciados pedagógicos e impositivos assentados em laços com a medicina e o higienismo, tornando-se um canal de divulgação da educação sanitária. A necessidade de cuidados com o corpo foi tema recorrente, visando disseminar práticas e cultivar bons hábitos de higiene e saúde.

Embora algumas obras fossem dirigidas a um leitor universal, o público feminino foi um alvo eleito dessa literatura. Os manuais apresentavam um discurso repleto de prescrições, com a utilização do imperativo – ordenar, disciplinar, reger, dever – e mesmo de conselhos em pequenos tópicos pontuais e informativos em um tom moralizante, criando modelos a serem seguidos pelas mulheres e normas sobre como educar as moças para o casamento, a vida em família, a maternidade, os “cuidados de si” e das crianças. Seu conteúdo variava, podendo também conter itens como trabalhos manuais, receitas, boas maneiras, economia doméstica, puericultura, entre outros.

Destacava-se que a “**nova mulher**” deveria ser instruída, a educação feminina se tornou assunto constante em várias instâncias, sendo vista como indispensável para o aprimoramento da família e da sociedade, já que a mulher se constituiria em um agente multiplicador na difusão de conhecimentos, preceitos, valores morais e éticos, que deveriam ser transmitidos aos filhos. Assim, a maternidade, além de “mandado biológico”, adquiriu significado social, tornou-se função que “enaltecia e glorificava a mulher” como formadora dos futuros cidadãos e dos alicerces da pátria; os “sentimentos maternos” justificariam a dedicação à família e aos filhos (ALMEIDA, 2000; BERNARDES, 1989; MATOS e ALVES, 2006).

Os manuais aqui analisados “*A Alegria da Casa*” e “*Livro das Noivas*” tiveram uma intensa circulação (com várias edições). As leitoras se apropriaram de seus ensinamentos, e suas propostas foram reproduzidas em vários outros veículos, como revistas, jornais, almanaques,

romances, estando também presentes na publicidade.¹⁵ A cada leitura, esses manuais contri-
buíam para doutrinar corpos, comportamentos e sensibilidades.

6. Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 81, 2000, pp. 5-15.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das noivas*. 2 ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1905.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, Vozes, 2007.

BENCHIMOL, Jaime L. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro, Fiocruz, Editora UFRJ, 1999.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby C. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.

BOLUFER, Mónica. “Modelar conductas y sensibilidades: un campo abierto de indagación histórica”. In: *Educación los sentimientos y las costumbres: Una mirada desde la historia*. Zaragoza: CSIC, 2014.

BORGES, Valdeci Rezende. *Histórias românticas na Corte do Brasil Imperial: o romance urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro/1840-1870)*. São Paulo, E-Manuscrito, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.

BRÁS, José Viegas. A higiene e o governo das almas: o despertar de uma nova relação. *Revista Lusófona de Educação*, 12-12 (2008), 113-138.

BURITI, Iranilson. “A Alegria da Casa” - higiene e história dos costumes no Segundo Império. São Paulo, E-Manuscrito, 2022.

BURKE, P. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo, EDUSP, 2019.

15. Desde meados do século XIX, apesar dos altos índices de analfabetismo no Brasil, foram difundidos hábitos de leitura, dinamizando a maior circulação de livros, manuais e periódicos, incluindo os direcionados às mulheres. O primeiro periódico dirigido e editado por mulheres foi o *Jornal das Senhoras* (1852), que assumia “a luta pela emancipação moral da mulher por meio da educação, essas publicações se expandiram e circulavam por diferentes regiões, destacando-se *O Sexo Feminino* (1873), *Echo das Damas* (1875-9), *A Família* (1888), *A Mensageira* (1897), *O Domingo* (1874), *Jornal das Damas* (1874), *Myosotis* (1875), *A Voz Feminina* (1900), *A Família* (1888), entre outros.

CECCHIN, Cristiane & CUNHA, Maria Teresa Santos. “Tenha modos! Educação e sociabilidades em manuais de civilidade e etiqueta (1900 – 1960)”. *X Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Campinas, 2007.

CECCHIN, Cristiane. *Literatura para uma vida em matrimônio: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/ UFSC, Florianópolis, 2010.

CHARTIER, Roger. *Mobilidade e materialidade dos textos nos séculos XVI e XVII*. Chapecó/ Salvador, Argos/EDUFBA, 2020.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância; MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de Escritoras Portuguesas: das origens à atualidade*. Santa Catarina, Mulheres, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3 - O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
FREITAS, Carla Patrícia Aleixo Baptista de. *Olhares cruzados sobre o(s) feminismo(s) e a educação feminina em Portugal e no Brasil nos alvares do século XX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, 2021.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar. Medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GRAHAN, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro - 1860-1910*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Cartografia dos desejos*. Petrópolis: Vozes, 1986.

KALLEY, Sarah. A alegria da casa. In: CARDOSO, Douglas Nassif. *O cotidiano feminino no Segundo Império*. São Bernardo do Campo, Edições do Autor, 2005.

KALLEY, Sarah Poulton. *A alegria da casa*. Ou raios de luz sobre a vida familiar. 5. ed. Lisboa, Barata & Sanches, 1894.

LUCA, Leonora de. O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*. Campinas, 12, (1999), 275-299.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. 3 ed. São Paulo, E-Manuscrito, 2019.

MATOS, Maria Izilda S. de; ALVES, Gisele. “A Nova Mulher” educando as futuras mães (1850-1900). *Caderno Espaço Feminino* (UFU), 15, (2006), 173-196.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Francesas no Rio Imperial*. Rio de Janeiro, Ayran, 2014.

MICHELET, Jules. *A mulher*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

MORAES, Mirtes de. *Maternidade: uma análise sociocultural*, Curitiba, APPRIS editora, 2021.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social*. São Paulom, Companhia das Letras, 2001.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A Cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília, UnB, 2002.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A vida do bebê: a constituição de infâncias saudáveis e normais nos manuais de puericultura brasileiros. *Revista Brasileira de Educação*. 16-47 (2011), 427-442.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. “Sob o governo de Higia: os saberes médico-pedagógicos e a construção de um corpo hígido na Paraíba (1930-1940)”. *Revista História da Educação*. 23 (2019), e76717. Disponível em: Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/76717>,. Acesso em: 05. Mar. 2025.

VIEIRA, Marly Jean de Araújo. A Literatura Feminista de Júlia Lopes de Almeida. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura, Palavra e Poder*, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

VIGARELLO, Georges. *Histoire des pratiques de santé: le sain et le malsain depuis le Moyen Âge*. Paris: Éditions Points, 2014.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.